

A Sombra de Zé Amaro no romance *Fogo Morto* de José Lins do Rego

Hermide Menquini Braga¹

RESUMO: Essa breve introdução visa a contextualizar Zé Amaro, personagem de quem analisaremos a sombra. Ele nos chamou a atenção por ser um *mediador social*. Na tradição colonialista de que nossa civilização é fruto Zé Amaro aparece como *oficial*, ou seja, tem habilidade que se constitui em sua fonte de renda, fato que o distingue na sociedade dos demais que são ou proprietários de terras ou lavradores de terras alheias.

Palavras – Chave: Fogo Morto, Zé Amaro, mediador cultural

ABSTRACT: This introduction aims contextualization of José Amaro, character of whom we'll analyze the shadow. He called the attention for be a mediator social. On the colonialist tradition, production of our civilization, José Amaro appears as official, in other words, has skills that constitutes in his source of revenue, fact that differentiate him in the others society that are landowners or farmers of others earth.

Keywords: Fogo Morto, Zé Amaro, cultural mediator.

O romance *Fogo Morto* é composto por três histórias aparentemente independentes no que se refere à organização coerente, mas que mantém uma relação por meio de seus personagens. A estratégia do autor é manter os mesmos personagens nas três histórias variando apenas o enfoque: em cada uma delas o protagonista é dentre aqueles que compõem o universo da obra total. Assim José Amaro, nosso enfoque neste trabalho é o protagonista da primeira história; o coronel Lula de Holanda, proprietário das terras do engenho de Santa Fé, local onde se passam às ações analisadas, como segunda história e o Capitão Manoel Vitorino, personagem quixotesco aparece como protagonista da terceira história. É, pois uma obra regional brasileira composta sob os modelos dos romances de cavalaria.

Essa breve introdução visa a contextualizar Zé Amaro, personagem de quem analisaremos a sombra. Ele nos chamou a atenção por ser um *mediador social*. Na tradição colonialista de que nossa civilização é fruto Zé Amaro aparece como *oficial*, ou seja, tem habilidade que se constitui em sua fonte de renda, fato que o distingue na sociedade dos demais que são ou proprietários de terras ou lavradores de terras alheias.

Esta situação de exceção cria condições para que apareça no mapa psicológico do personagem uma sombra de proporções devastadoras.. As manifestações desta ao longo da

¹ Mestre em Filosofia e Educação, formada em Letras, Pedagogia e Filosofia. Professora da Faculdade Don Domênico – Guarujá.

história e na relação com os outros personagens favorecerão também análise de sombra coletiva, em correspondência à atitude do personagem.

Para Robert A. Johnson

A sombra é aquilo que não entrou adequadamente na consciência. É a parte desprezada do nosso ser. Muitas vezes tem um potencial energético tão grande quanto nosso ego. Quando acumula mais energia do que nosso ego, irrompe como fúria avassaladora ou como indiscrição que passa sorrateiramente por nós; ficamos deprimidos ou sofremos um acidente que parece ter seu próprio objetivo. A sombra que se torna autônoma é um monstro terrível morando no nosso lar psíquico.²

São estas manifestações que passaremos a levantar a partir de Zé Amaro. Ele não sonha como é comum em outros personagens, o substrato consciente dele só reflete mágoa.

a- Zé Amaro , oficial de seleiro

A profissão que lhe permite o sustento e o da família o libera em parte do jugo imposto pela propriedade da terra. A habilidade de seleiro aprendida com o pai lhe garante independência, ele tem o status de mestre seleiro. Entretanto, esse privilégio com relação aos outros personagens não proprietários de terras configura-se mais como um agravante do que como uma vantagem no ego de Zé Amaro. Autônomo pelo ofício e dependente em um atributo preponderante para a estabilização como membro social: mora nas terras do coronel Lula de Holanda, *O Engenho Santa Fé*.

Uma situação de semidependência permeia, pois, a vida de Zé Amaro. Ele demonstra isso no péssimo humor que transmite em todas as situações, seja em família, seja socialmente. Para justificar sua costumeira irritação afirma meio aos seus rompantes ante aos estímulos:

²Robert A. Johnson. *Magia Interior*. São Paulo. Mercúrio, 2003, p.18.

Não estou brigando, homem de Deus. Isto não é briga. Então eu não posso falar a verdade ³

O ódio pelo proprietário das terras onde vive acentua-se por alguns fatores. Zé Amaro presta serviço na região para manutenção de arreios destinados a equipar as montarias. Isso acentua a importância de sua destreza ordinariamente. Outro fator agravante do impasse apresenta-se por meio de um estímulo insufocável pelo quadro emocional de Zé Amaro.

A família do Coronel Lula de Holanda desfrutava de um recurso de modernidade incontestável. O Coronel tinha mandado vir da capital um cabriolé. Este recurso de transporte, único na região destacava a família do engenho que passava com estardalhaço evidenciando a família. As idas à igreja, a presença da família de Santa Fé na vila agredia o desempenho de oficial de Zé Amaro. O cabriolé dispensava o serviço de sela e essa modernidade feria a serventia e a adequação daquele traço de liberdade que se expandia pela prática do ofício do seleiro. Isso vem opor-se à segurança do oficial que se permitia a escolher os fregueses, procurando valorizar sua habilidade que é única na região.

É encomenda da Santa Rosa. Pois, meu negro, para aquela gente eu não faço nada. Todo o mundo sabe que eu não corto uma tira para o coronel para o coronel José Paulino (...) se fosse para você dava de graça. Para ele nem a peso de libra. É o que digo a todo o mundo, não agüento grito. Mestre José Amaro é pobre, é atrasado, mas grito não leva ⁴

Surge nessa atitude uma correspondência à manifestação a que já vimos nos referindo. O personagem tem por hábito a irritabilidade, destrata qualquer pessoa em rompantes. Por sua vez os senhores proprietários de terras trazem como marca de sua autoridade a atitude agressiva, uma sombra coletiva com raízes na colonização.

Instaura-se, pois para Zé Amaro a oportunidade de contestação. Uma barganha justifica a recusa de atendimento e, de certa forma produz um consolo, como recalque. O tratamento de servo imposto pelo Coronel José Paulino ao seleiro é contestado pelo reforço no fator

³ José Lins do REGO. Fogo Morto. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.65.

⁴ José Lins do REGO. Fogo Morto, p.58.

que o distingue da servidão: o ofício. Este mesmo ofício o particulariza na região e acarreta para ele as conseqüências de uma posição pioneira

Compara constantemente suas produções às do pai. Em ocasião no passado pai criara uma sela para o imperador. No romance não há indícios seguros de que essa afirmação pudesse ser verídica ou fruto de imaginação, mas para o tipo de análise que fazemos o que se ressalta é a necessidade de haver um dado no passado que alimente um status compensatório na origem e situação do seleiro perante a sociedade.

Ainda assim a referência ao passado é ponto para comparação e amargura, já que seus clientes só encomendavam arreios e as poucas selas que fabrica é para gente comum.

Nem poderia ser contrário, uma vez que ele refutava os clientes com mais condições, no intuito de, com essa manifestação de pretensa rebeldia tentar se afirmar naquilo que o transforma útil à comunidade, sua habilidade artesanal.

Não sou cabra de bagaceira, faço o que quero.
(...) o velho meu pai tinha o mesmo calibre. Não precisava andar
cheirando o rabo de ninguém.⁵

Ante as autoridades constituídas também se rebela. Nota-se que as vantagens de que desfruta na sociedade ao invés de serem tomadas como contribuição acabam por transformar-se em pontos de contestação no seu meio como é o direito de ser eleitor. Crítica sobremaneira as tendências políticas indiscriminadamente:

Aqui me apareceu outro dia um parente do de Quinca Napoleão pedindo meu voto “ Votar em quem , seu Zé Medeiros “ Fui lhe dizendo “ Quincas Napoleão é um ladrão de terra. O Pilar é uma terra infeliz, quando sair da mão do velho José Paulino , vai parar na bolsa do velho Napoleão .O homem se foi danado comigo ”.

Com outros cargos da esfera civil tem a mesma atitude, critica veementemente o desempenho do delegado, aproveita para entrecruzar argumentos relativizando o cargo de segurança ao dos coronéis, oficioso, mas presente por questão cultural. Em atitude de

⁵ Ibidem, p.58.

negação reforça uma possível atuação sua, em hipótese vaga de ocupar o cargo, ocasião em que trabalharia em prol da diminuição do poder oligárquico.

— Este Ambrosio é um banana Queria ser delegado nesta terra, um dia só. Mostrava como se metia gente na cadeia, Senhor de engenho, na minha unha, não falava de cima para baixo ⁶.

Desta forma, Zé Amaro quando não está *dento de si mesmo* ⁷ insurge-se contra seus eventuais interlocutores. Começamos a desenhar, pelo ângulo de suas relações sociais o perfil projetado pela sua sombra que toma, como estamos constatando mais lugar do que o próprio ego.

Respaldados por esses dados passamos a examinar a relação em família quando poderemos constatar a origem ou talvez mais um elo do complexo por onde padece a alma de Zé Amaro. Foi por esse tipo de atitude que acabou por ligar-se ao grupo de Antonio Silvino.

b-Marta e Sinhá

Marta, por ser filha mulher e única frustra o pai em dois pressupostos. A continuidade das tradições masculinas e o conseqüente apoio nas questões políticas, fatores que reforçam a personalidade paterna.

A moça padece de um mal que a deixa depressiva e faz com que não se interesse por coisas comuns a moças de sua idade. Chora muito. O fato de já contar com trinta anos e não mostrar interesse por rapazes e nem despertar atenção nestes, ativa na personalidade do pai outro ressentimento. Ela não terá genro para o apoiar e está sujeito a deboches comuns por aquelas paragens com respeito às moças velhas.

⁶ José LIS do REGO. *Fogo Morto*, p.57.

Os contra-argumentos com os quais tenta se consolar atestam o sofrimento de Amaro com relação á doença da filha:

Tenho essa filha que não é nenhum aleijão ⁷

Não se casa porque não quer. É de calibre como a mãe ⁸

A inflexível persona apresentada por Zé Amaro, mal disfarçada é o ponto crucial na vida em família. Sendo assim todas as ações da moça são agravos ao pai. A moça organiza-se de forma convincente para algumas tarefas; borda para o enxoval da filha do dono das terras. Mais tarde se saberá pelo contexto da obra que padece de epilepsia, doença que vai manifestar-se há certo tempo em Zé Amaro.

Com Dona Sinhá havia uma relação de passividade, sabia que o casamento conviera à moça por ele ser solteiro e branco e que ela não havia encontrado mais bem partido. Zé Amaro evolui em sua revolta com relação à situação da filha até que certo dia enfraquecido por doença semelhante a da filha lhe aplica violenta surra com reio de sola. A partir desse episódio o estado emocional da moça piora e ela acaba por ser internada em um manicômio. Dona Sinhá não perdoa Zé Amaro pela brutalidade e o abandona.

c-O início da queda

(o desenvolvimento de uma sombra coletiva acerca e Zé Amaro)

No decorrer do romance as atitudes de irritação do personagem contra os fregueses coronéis, contra as autoridades constituídas, contra principalmente o dono das terras onde vivia tornaram-se características. Atitudes ímpares incitam a imaginação popular e o conjunto destas convergindo para uma figura também ímpar que é a do oficial de seleiro na

⁷ José Lins do REGO. *Fogo Morto*, p.58.

⁸ José Lins do REGO. *Fogo Morto*, 51.

comunidade constituem um atrativo a mais. Somam-se fatos deste teor tais como a ocasião em que Zé Amaro prestava serviço no *Engenho Santa Fé* quando serviram bacalhau na refeição por ser Semana Santa.

Este povo vai todo pro céu. Estão pensando que Deus Nosso Senhor gosta de gado magro Deus gosta é de ver gado de sedenho abrindo. O que foi que a velha mandou hoje Esta história de bacalhau não é comigo. (...) Os brancos estão comendo. Quero lá saber de branco, quero minha barriga cheia.⁹

A reação do seleiro, na verdade resultou do ressentimento por não ser chamado para a mesa da casa grande. Não havia, entretanto sido desfeitoado, o que ocorria é que o coronel Lula de Holanda também andava adoentado.

De outra feita sentindo-se sufocado o seleiro buscou alívio para o mal-estar de corpo e de alma perambulando pelo campo, já noite fechada. O cheiro do mato e a liberdade propuseram ao personagem certo alívio e essa prática passou a ser um hábito.

Os passeios o libertavam do cheiro da sola, da mágoa pela situação social, pela doença da filha e de certa forma era uma alternativa às imprecações, uma vez que entrava em contato com a natureza calado. Em um desses passeios, na barranca do rio passa mal, a respiração torna-se difícil e ele desfalece passando a noite ao relento. esse desfalecimento é interpretado pela comunidade como um habitual ataque pelo qual Zé Amaro viraria *Lobisomem*.

A interpretação espalhou como um raio. A aparência do velho, olhos amarelos, costume de soltar pragas, recusa de hábitos cristãos como rezas, ladainhas, missa contribuiu com o veredicto. Não satisfeitos com tamanha elucubração expandiram as desditas. Ligando a condição de moça-velha de Marta, aos mal-tratos do pai acusaram-no de incesto. Era apenas o começo da derrocada.

Zé Amaro não era *coiteiro*¹⁰ mas assentiu em fazer algumas compras para o bando por estar revoltado com os políticos da região. Como o mal súbito o prostara na cama por dias pediu a José Passarinho e a esposa para realizar o trabalho. As contradições políticas e o

⁹ José Lins do REGO. *Fogo Morto*, p78

¹⁰ coiteiros são pessoas que se dedicavam a apoiar com abrigo e serviços os bandos de gangaceiros, nesse caso o bando de Antonio Silvino.

acirramento das relações entre a polícia e o bando de Silvino conferem a Zé Amaro posição antagônica aos interesses de Santa Fé.

O ataque de Silvino a Santa Fé, que dependeu da intervenção de Manoel Vitorino, o capitão quixotesco do romance, para que não houvesse grandes danos pessoa do Coronel Lula foi o ultimo argumento para que a sombra coletiva se consolidasse contra Zé Amaro e justificasse por completo o atributo de *Lobisomem*, em termos de sociabilidade o totalmente Outro.

A perda da mulher, Sinhá, o afastamento da filha no manicômio, o perjúrio, a expulsão das terras onde crescera acabam por combalir completamente o ânimo de Zé Amaro que se suicida na casa onde crescera e vivera, no quarto que fora da filha.

d-A angústia patente nas aves e a liberdade de José Passarinho.

(Traços literários da sombra de Zé Amaro)

As aves nos ambientes rurais que compõem as obras nordestinas adotam uma característica metafórica de transmitir ao leitor o teor das emoções das ficções transparecendo nos ambientes de que fazem parte. Constituem, portanto uma forma de linguagem na medida que suas manifestações iluminam as ações desenvolvidas nos contextos.

O primeiro indício nesse sentido é a reação do velho seleiro *de natureza de cobra*¹¹ sempre resmungão e contrariado. A atitude de martelar a sola com veemência, em consonância com seu descontentamento é refletida no ambiente por meio do espantar das rolinhas. Estas aves comuns, respostas biológicas da fauna em debandada constituem metáfora de exceção à normalidade. A repetição em diversos pontos na obra retratam o ciclo neurótico do personagem em referência sutil literária fundamentado na espontaneidade das aves naturais ao ambiente.

Nessa mesma esteira surge o canário da terra. Preso à gaiola na ponta do beiral da casa emite seu canto angustiado como música de fundo à existência conflituosa de Zé Amaro. A idéia de que o canário é ave importada, portanto rara e mantida em cativo vem se harmonizar com os sentimentos do seleiro, angustiado, contrafeito tanto na sua situação

¹¹ José Lins do REGO. Fogo Morto, p66.

familiar, quanto na inaceitação do contexto familiar pelo estado de exceção em que a filha se coloca em virtude da doença. São evidências que convalidamos agora pelas citações que se seguem:

Pois o senhor vê. Não pode um pai fazer nada que vem a mãe tomando as dores.(... (os olhos do velho, amarelos, como se enevoaram de lágrima que não chegava a rolar Havia uma magoa profunda nele. Pegou do martelo, e com uma força de raiva malhou a sola.O batuque espantou as rolinhas que beiravam o terreiro da tenda ¹².)

Ao lado das aves triviais ao ambiente surge o ciclo repetitivo do canto do canário. Essa repetição excessiva sistemática corresponde ao ciclo da repetição descrita por Zé Amaro no seu quadro psíquico. O canário preso traz uma correspondência com Marta, a moça doente. Em sua penugem amarela mostra traços assemelhados com os cabelos louros e encaracolados da moça. Portanto na mesma razão emite seu canto angustiado a doença da moça influencia o pai, acrescentando-se à sombra do velho oficial como um agravante àquela situação social de exceção para o contexto econômico da região.Eis a transcrição do aqui afirmado:

_ Não tenho que desculpar coisas nenhuma se eu quisesse estava em Goiana, bem rico de meu. Riqueza de ninguém me faz sofrer. Houve um pequeno silêncio. O canário cantava na biqueira a todo o fôlego. E rugia a sola a quicé do mestre Amaro. ¹²

Ouvia a voz da mulher na cozinha, ouviu a voz de Marta falando sem parar, e tudo estava para lá do horizonte no horizonte, para uma distancia que ele não tinha capacidade de dominar.A canária cor de gema de ovo trinava na biqueira naquele mesmo lugar onde ficava sempre. E pela voz do pássaro, pelo canto que lhe amaciara o ouvido na vida passada a vida presente foi chegando ao mestre. sabia que não morria mais ¹³

_ Tu ainda me pergunta, homem de Deus Tu não gritaste para ela sem precisão.

_ Eu dei pancada naquela pamonha Diga, mulher, eu bati naquela leseira

¹² José Lins do REGO. Fogo Morto, p.66.

¹³ Ibidem, p.172.

À tarde o mestre escutava o canário da biqueira abrindo o bico nos estalos.¹⁴

Bem em cima da biqueira começou a cantar a canária cor de gema de ovo. (...) Que cantasse ` à vontade.(...) Que lhe importava a riqueza do velho José Paulino. As filhas dele morriam de parto¹⁵

Essas correlações com ave de outras terras, ou seja, o canário da terra, cerceado em seu vôo ligam-se também a outro fator de composição do terreiro, a galinha. Também ave de vôo limitado alude á situação dolorosa que a obra expõe.. É por estas constatações que relacionamos o contexto da família

Levando em consideração essas passagens aparece o negro liberto José Passarinho assim alcunhado por viver cantando. De origem estrangeira como o canário e a galinha, detém, entretanto, agora a liberdade. atributo que as aves não possuem Esse personagem vive em todas as casas, prestando pequenos serviços, a troca de comida e pousada.Sobretudo transpira felicidade em suas canções de teor reflexivo:

Õ Lê Lê vira a moenda
 Ô Lê lê moenda virou
 Quem não tem camisa
 Pra que quer palito
 O caixeiro bebe na venda,
 O patrão no varando
 Eu estava em Itabaiana
 Quando a boiada passou

Desta forma, por índices literários provenientes de análise percebemos que o quadro antropológico relaciona-se com o psicológico e que ambos os aspectos referendam-se nas artes, refúgio e recurso da condição humana.

¹⁴ Ibidem, p. 106.

¹⁵ Ibidem, p.60.

Conclusão

Referendados pelas leituras que o curso nos proporcionou pudemos entender que assim como qualquer luz faz sombra temos essa representação no nosso horizonte psíquico. Considerando a *persona* como a apresentação diante dos pressupostos culturais, vamos ter que considerar a sombra o inverso dessa representação do ego à sociedade. É o lado escondido nesse processo representativo cultural.

Para Zé Amaro sua posição mediadora social, nem dono de terras nem peão aguça os sentidos e projeta ressentimento. Afirma não ligar para riqueza, enquanto valoriza de forma extremada suas aptidões. Essa posição negativa de sua sombra pode ser constatada primeiramente por seu estado de irritação constante, evidencia prevista por William A. Miller em seu artigo publicado em o *Ao Encontro da Sombra Cotidiana*, organizado por Connei Zweig e Jeremiah Abrams, por outro lado a opinião de terceiros a seu respeito era a e que ele estava sempre em oposição a todos os argumentos eventualmente surgidos nas conversas. D. Amélia, senhora de Santa Fé, educada, religiosa o julgava muito mal-educado.

A sombra gigantesca que Zé Amaro produziu a partir de sua condição social mediadora desequilibrou sua personalidade por meio desse dote que lhe proporcionou o ofício transmitido por seu pai. A insatisfação se apresentava até por desqualificar seu desempenho com relação ao do pai, sem ter a compreensão de que os tempos eram outros e conseqüentemente as relações na profissão também.

O exame de toda essa problemática acrescido do familiar, pela doença da filha (não tinha vida de gente) desenvolveram em Zé Amaro um comportamento inibidor do ego sufocando a *persona*. Destruiu inconscientemente a família descarregando na filha o descontentamento por sua condição excepcional para onde convergiram seus outros problemas de afirmação. Sua afirmação acerca da filha: *parece que ela está contra mim*, reflete todo o inconformismo gerado pela situação de entrave entre duas classes sociais opostas.

De acordo com a bibliografia estudada todos produzimos sombra porque somos seres de luz, o que transpõe a conotação dos outros cursos acadêmicos é este transmitir pelos pressupostos junguianos que é possível, mediante orientação psicológica conhecer intermediar as relações entre persona e sombra á medida em que se reconhece a origem de sua projeção, ou seja, produzir um efeito auto-reflexivo já que estudar a condição humana é autovalorizar-se, redimir-se encontrar o caminho da esperança, vestígio de Deus Criador.

A remissão que Zé Amaro não teve por ignorância, falta de assistência e arrogância é aproveitada por outra condição remissora no humano, entretanto: a arte. Na prosa de José Lins do Rego fruímos aspectos éticos e estéticos e pudemos expandir os horizontes dos aspectos biológicos, psicológicos e antropológicos que permeiam a criatura humana em seu transcurso intuído e respaldado por seu Criador, motivo e origem do sopro de vida que há em nós.

Bibliografia

JOHNSON . Robert.A. Magia Interior. São PAULO: Mercuryo, 2003.

STEIN. Murray. Jung e o mapa da alma.São Paulo: Colares, 1998.

ZWEIG e ABRAHMS Ao Encontro da Sombra Cotidiana. São Paulo: Cultrix, 1991.

REGO, José Lins. Fogo Morto.São Paulo: Cultrix.1957